

ARIANNA FERMANI

Por que ler
ARISTÓTELES
ainda hoje?

Tradução

Sávio Laet de Barros Campos



Copyright © Arianna Fermani.

Tradução publicada sob licença da Unicopli Soc. Coop.

A Editora Madamu é a única responsável pela tradução em língua portuguesa. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Editores: Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Revisão: Tatiana Alvarenga Chanoca

Projeto Gráfico: KOPR Comunicação

Imagem da capa: Depositphotos

Editora Madamu

Rua Campo Largo, 418, Mooca, São Paulo, SP, CEP 03186-010

Tel.: 11 2966-8497 | e-mail: leitor@madamu.com.br

www.madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o
Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

E91b	Fermani, Arianna Por que ler Aristóteles ainda hoje? / Arianna Fermani; tradução: Sávio Laet de Barros Campos. 1.ed. – São Paulo: Madamu, 2026. 280 p.; il.; 21 cm. ISBN: 978-65-86224-86-3 Inclui referências 1. Filosofia antiga. 2. Aristóteles. I. Fermani, Arianna. II. Título. CDU 94(450)=124
------	---

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia antiga
2. Aristóteles

Sumário

- 7 *Apresentação*
- 13 *Introdução*
Lemos Aristóteles ainda hoje porque ele fala
a nós e de nós
- 21 *Agradecimentos*
- 23 É preciso sempre cultivar a pergunta, o “espanto”
e o desejo de conhecer
- 47 A verdade se constrói em conjunto
- 63 As aparências quase nunca enganam
- 73 Em todas as coisas da natureza existe algo de
maravilhoso
- 95 Nem sempre o racional é razoável e as paixões
devem ser escutadas e “tomadas pela mão”
- 121 Para ser feliz é preciso se empenhar
- 145 Errar é humano, e nem todos os males vêm
para prejudicar
- 161 Não se pode viver, nem viver bem, sozinho
- 179 A beleza e a elegância são coisas sérias
- 197 Não devemos trair a nós mesmos e a filosofia é um
convite a “nos tornarmos aquilo que somos”
- 215 Bibliografia

Apresentação

Caro leitor,

O livro que está em suas mãos foi eleito **o melhor livro de Filosofia da Itália** no ano passado¹. Sua autora, Arianna Fermani, é professora de História da Filosofia Antiga na Universidade de Macerata, e uma autoridade em Aristóteles. Autora de diversos livros, alguns dos quais já traduzidos e publicados no Brasil, desta vez participou ativamente desta edição, supervisionando o trabalho do tradutor.

Este livro é uma agradável introdução ao pensamento aristotélico, posto que facilita o seu acesso. Nestas páginas, encontramos um Aristóteles presente no cotidiano de todos, a quem a autora dedica atenção, e um Aristóteles que nos convida a escutar a verdade que reside na existência de cada um, mas que muitas vezes é ignorada. A autora conduz o leitor pela mão, acompanhada e sempre iluminada pelo Filósofo, guiando-o tanto pelas grandes escolhas quanto pelas peque-

1. O prêmio foi concedido pela APPF - *Associazione Professionisti Pratiche Filosofiche*, na 19ª. Edição do *Premio Nazionale di Filosofia 2025*: primeiro lugar na categoria ensaio filosófico publicado. Mais informações em <https://www.confilosofare.com/>

nas decisões do dia a dia. Aqui, o esforço exigido do leitor não é o de compreender o complexo pensamento aristotélico com a razão (a autora já o fez por nós), mas o de apreendê-lo com todo o seu ser, partindo da dimensão interior; é um chamado à compreensão que envolve pensamento, sentimento e ação.

Neste livro, você descobrirá que Aristóteles quer se fazer entender, que “o hábito *faz* o monge”, e que a filosofia, aquela verdadeira, deve estar enraizada na vida. Descobrirá que Aristóteles é capaz de sistematizar o pensamento utilizando diferentes perspectivas porque é necessário, sempre que possível, dar conta da extraordinária riqueza da realidade. É nesse *olhar* que encontramos sua surpreendente atualidade: Aristóteles nos ensina a sermos indulgentes conosco mesmos, a acolher nossas fraquezas, a aceitar nossa vulnerabilidade sem vergonha. Ele nos ensina a nutrir nossos desejos e a exigir o que é certo para nós, sem medo. Aristóteles nos acompanha em nossa busca pela felicidade com a sensibilidade de alguém do nosso tempo. Eis, portanto, em suas mãos um livro que ilumina o pensamento de um dos maiores filósofos do ocidente com cativante leveza.

Boa leitura!
O editor

Caro Meneceu, saiba que o conhecimento da felicidade não requer uma idade precisa, porque em qualquer idade é prazeroso cuidar do bem-estar da própria vida. Quem sustenta que ainda não chegou o tempo de se dedicar a ela, ou que a esta altura é tarde demais, crê que o momento certo para o fazer já ficou para trás ou está à nossa frente. Por outro lado, conhecer a felicidade diz respeito tanto ao jovem como ao ancião: o segundo para tirar o bem-estar da grata recordação daquilo que realizou, o primeiro para tirar força e nutrição disso e se preparar para não temer o futuro.
(Epicuro, *Epístola a Meneceu*).

*À minha mãe, Anna Maria,
e ao meu pai (in memoriam), Mario,
que me ensinaram o amor pelo belo
e o valor do desinteressado.*

Introdução

Lemos Aristóteles ainda hoje porque
ele fala **a nós e de nós**

*Quando há uma bela noite estrelada, o senhor Palomar diz: “Devo ir olhar as estrelas”. Diz precisamente “devo”, porque odeia os desperdícios e pensa que não seja justo desperdiçar toda aquela quantidade de estrelas que é posta à sua disposição.
(Italo Calvino, Palomar)*

Aristóteles [...] é um sábio. Ele busca reforçar todas as energias positivas com o propósito de ajudar os homens do seu tempo a se tornarem mais humanos, mais justos, mais abertos aos outros, e, conseqüentemente, a se tornarem mais felizes ou a reencontrarem o sabor da felicidade².

Nada mais verdadeiro. Aristóteles nos olha e nos interpela, desde sempre e para sempre, e deste pensador que viveu há mais de 2.500 anos, não se pode prescindir, nem mesmo querendo.

2. J. Vanier, *Il sapore della felicità*. Alle basi della morale con Aristotele, p. 168.

Deste Filósofo³ não é possível escapar por uma série de razões específicas, como tentaremos ver, etapa por etapa, no itinerário que se seguirá – no qual tentaremos mostrar por que ainda há *muito (e mais do que nunca)* sentido em ler Aristóteles – e não somente porque nós, mesmo sem sabê-lo, usamos as suas palavras e decodificamos o mundo mediante as suas categorias, mas também porque, num sentido mais profundo, ele fala “de nós”, e “a nós”, porque dá voz aos nossos

3. Aristóteles nasceu em 384/383 a.C., em Estagira, nos confins da Macedônia. Aos dezoito anos, isto é, em 366/365 a.C., o Filósofo foi a Atenas, a fim de aperfeiçoar a sua formação, e entrou quase imediatamente na Academia platônica, na qual permaneceria por bons vinte anos. Quando da morte de Platão (347 a.C.), Aristóteles não quis permanecer na Academia, porque a direção da escola foi tomada por Espeusipo (o qual conduzia a corrente mais distante daquelas que eram as convicções por ele amadurecidas). Portanto, Aristóteles saiu de Atenas e se dirigiu à Ásia Menor. Abre-se, deste modo, uma fase importantíssima na vida do Filósofo. Com um célebre companheiro da Academia, Xenócrates, ele parou primeiramente em Asso (sobre a costa de Trôade), na qual fundou uma Escola. Em Asso, Aristóteles permanece cerca de três anos. Passou depois a Mitilene, na ilha de Lesbos. Tanto a fase do ensinamento em Asso como a fase em Mitilene são fundamentais. É provável que em Asso, o Estagirita tenha dado cursos sobre as disciplinas mais propriamente filosóficas, e que em Mitilene tenha feito, ao contrário, pesquisas de ciências naturais, inaugurando e consolidando uma preciosa colaboração com Teofrasto, o seu aluno mais importante. Em 343/342 a.C. se inicia um novo período na vida de Aristóteles: Felipe da Macedônia o chamou à corte e lhe confiou a educação do filho Alexandre. Em 335/334 a. C., Aristóteles retornou a Atenas e alugou alguns edifícios próximos de um pequeno templo sagrado de Apolo Lício, do qual vem o nome “Liceu” dado à Escola. E posto que Aristóteles dava os seus ensinamentos passeando no jardim anexo aos edifícios, a escola foi também chamada “Perípatos” (do grego *perípatos* = caminhada), e os sequazes foram chamados “Peripatéticos”. Morreu no ano 322 a.C. Os escritos de Aristóteles se dividem em dois grandes grupos: aqueles escritos para a publicação ou exotéricos (do grego *éxō*, fora), que eram compostos o mais das vezes em forma dialógica e eram destinados ao grande público, e aqueles destinados só aos seus discípulos, também chamados de “esotéricos”, que eram patrimônio exclusivo da escola e que constituíam os apontamentos das lições ou, mais genericamente, o material didático do mestre.

próprios medos, fala sobre as nossas próprias fragilidades, e consegue perscrutar a fundo, com um misto de fineza, indulgência e desencanto, as nossas próprias necessidades e os nossos desejos mais íntimos e profundos.

Aristóteles nos ensina a irmos ao coração das coisas, a mirarmos como arqueiros – lúcidos e apaixonados ao mesmo tempo – os alvos mais importantes da nossa vida e a visarmos às coisas que realmente contam, sem perdermos tempo e sem ficarmos sempre a remoer (visto que remoer, como se diz, é no fundo um pouco como caminhar com um guarda-chuva na mão esperando que chova); ensina-nos, com uma autêntica “atitude sustentável”, a não desperdiçarmos recursos e energias atrás de temores infundados, ou na vã tentativa de mudar coisas que não se pode modificar, ou seguir objetivos impossíveis ou insensatos; ensina-nos que a filosofia pode ajudar-nos concretamente a tomar as decisões justas ou, ao menos, a errar o menos possível, e a refazermos os nossos passos, se e quando nos dermos conta de que “estamos tomando um mau caminho”; ensina-nos, com uma verdadeira postura “ecológica” (e recuperando o sentido originário da ecologia como *oikos-logos*⁴: “estudo da casa”), a sermos coerentes conosco mesmos e a cuidarmos da nossa casa interior.

O Filósofo grego, além disso, nos ensina também que só “habitando” com consciência e com sabedoria os nossos

4. [N. R.: As transliterações do grego no original por vezes divergem das regras que costumamos seguir no Brasil. Sendo assim, sempre que necessário, corrigimos para que se adequem às nossas regras. Aqui, seguimos as normas sugeridas por Anna Lia Amaral de Almeida Prado (Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. *Classica*, v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006.)].

limites, só considerando as nossas fragilidades e, ao mesmo tempo, valorizando as nossas potencialidades e os nossos recursos, podemos tornar a nossa vida plena, harmônica e bela. De onde depreendemos que uma vida “bela” é uma vida dotada de sentido, uma vida bem-sucedida, que mesmo não sendo necessariamente longa (porque isso não depende – ou não depende unicamente – de nós), é, porém, certamente uma vida “expandida”. A filosofia aristotélica se não pode alongar temporalmente a vida, seguramente pode “alargá-la”, dilatá-la e fazê-la crescer, conferindo-lhe o ritmo justo. Aristóteles nos recorda sempre a nossa finitude e ao mesmo tempo nos ensina a voar alto, com a obstinada convicção de que, por mais que a vida humana seja continuamente atravessada pela dor, ao mal não deve ser concedida a última palavra: “a existência humana tem um ‘ritmo’ cadenciado por bens e por males, vitórias e derrotas. Os homens devem, antes de tudo, reconhecer este ritmo interior e dele apropriar-se: é ao respirar do mundo que devem harmonizar o seu”⁵.

No fundo das reflexões do Filósofo e acima dos diversos campos do saber que ele atravessou com perspicácia e com paixão, com uma insaciável fome de conhecimento e de vida, e com aquela autêntica voracidade intelectual que já Platão devia conhecer muito bem (quando Aristóteles era seu discípulo, na Academia era chamado “o leitor”), existe uma exigência básica: a concretude. Não por acaso o próprio

5. D. Baldi, *È pericoloso essere felici*. L'invidia degli dèi in Grecia, p. 126.

Giacomo Leopardi, no seu *Zibaldone*⁶, escreverá, muitos séculos depois, que “Aristóteles dizia que as coisas eram mais do que as palavras” (24 de maio 1823).

Tornou-se então icônica, não por acaso, a imagem de Aristóteles da *Escola de Atenas* de Rafael Sanzio: o Filósofo, posto ao centro da cena junto a seu mestre Platão, é retratado com uma mão voltada para baixo, a fim de indicar precisamente aquela “fidelidade à terra” que representa uma (embora não certamente a única) das componentes fundamentais da sua reflexão: a atenção, em todos os níveis, aos dados fenomênicos, isto é, àquilo que observamos, àquilo que aparece (ou seja, àquilo que os gregos chamavam *tà phainόμενα*). Porque a filosofia, aquela verdadeira, para Aristóteles se deve *fazer* (e não só teorizar), e se deve fazer “com o vento nos cabelos”, caminhando pela estrada, escutando as opiniões dos outros e, sobretudo, olhando, farejando, saboreando, fazendo a experiência do mundo assim como ele é, sem adoçamentos e fingimentos, e aceitando a realidade mesma em todos os seus claro-escuros.

Além de nos convidar a não desperdiçarmos nem mesmo um instante da nossa existência, Aristóteles nos ensina também a nos querer bem e a cuidarmos de nós mesmos, ensina-nos que nós “valem”, mesmo com todas as nossas infinitas imperfeições (ou talvez precisamente graças a elas) e que a fidelidade a nós mesmos é o primeiro e fundamental

6. [N. E.: O *Zibaldone di Pensieri*, de Giacomo Leopardi, escrito entre 1817 e 1832, contém uma infinidade de ensaios sobre variados temas, meditações dispersas, composições irregulares e não trabalhadas, reflexões desenvolvidas de modo bastante livre. Não existe tradução desta obra no Brasil.]

passo para alcançarmos aquilo que, desde sempre e para sempre, conta e deve contar mais do que tudo: a nossa felicidade.

Porque em Aristóteles existe uma lição que, mais do que todas as outras, não devemos desperdiçar: que devemos sempre ser famintos de vida, ou melhor, que devemos sempre ser sustentados por uma insaciável fome de “vida feliz”, daquela existência que não se reduz à simples sobrevivência. Como escreverá o filósofo Edgar Morin, muitos séculos depois de Aristóteles: a sobrevivência é necessária à vida, mas uma vida reduzida ao sobreviver não é mais vida.

Em outras palavras, a filosofia de Aristóteles nos ensina a “descobrir” realmente o mundo e a nós mesmos, no sentido do verbo latino *discooperire*, que significa “tirar de uma coisa aquilo que a cobre, a esconde”.

O ato de *discooperire*, e, portanto, a descoberta, nos permite conhecer aquilo que antes desconhecíamos ou o que não suspeitávamos. Não é uma simples ampliação de conhecimento. É, ao contrário, o ato com o qual o véu, metafórico ou real do desconhecido, é levantado diante do descobridor, que se encontra subitamente diante de uma nova realidade. Tanto que lhe faz adquirir um olhar diferente e lhe oferece uma chave de leitura inesperada [...]. Aquilo que antes era desconhecido ao descobridor torna-se um novo capítulo da sua vida. Fazendo da descoberta algo mais e diverso de uma ainda que vivaz experiência de aprendizado infantil. É como numa viagem, que

mais do que qualquer outra experiência, mostra toda a riqueza e os riscos da descoberta, [pois]⁷ esta exige disponibilidade para deixar-se surpreender e, quando é requerido, parar, diminuir o passo ou acelerá-lo. Em todo caso, perder a vontade de descobrir pequenas ou grandes realidades significa deixar de crescer e fechar as portas ao inesperado⁸.

Por outro lado, viajar dentro de si mesmo significa também “descobrir-se”, no duplo significado que este verbo tem em nossa língua, ou seja, quer no sentido de “descobrir algo sobre si mesmo”, quer no sentido de “sair do armário”, de “expor a si mesmo diante dos outros, revelando a própria situação e a própria interioridade [...], expor-se, até colocar nas mãos dos outros a parte mais íntima da própria vida. Aceitando [assim] o risco de permanecer indefeso e sem proteção”⁹.

Um risco que vale a pena correr pois, como recordam os gregos, “um navio está seguro no porto, mas não é para isso que os navios são feitos”. Além disso, esta é a única maneira de fazer a nossa vida bela, aquela [vida] costurada verdadeiramente sob medida para nós, a nossa “vida de qualidade”. E uma “vida de qualidade” não é necessariamente uma vida rica de recursos, mas a que mais se configura “como uma

7. [N. T.: Os colchetes assinalam nossas inserções no texto original, feitas para facilitar a compreensão do leitor.].

8. N. Galantino, *Mettersi in gioco e rischiare*, s.p.

9. N. Galantino, *Mettersi in gioco e rischiare*, s.p.

vida rica de funções valiosas, e de capacidade para adquirir tais funções”¹⁰.

A filosofia de Aristóteles, então, como filosofia que visa a “formar” mais do que a “informar”, pode realmente nos salvar a vida, porque é capaz de mudá-la para melhor e, literalmente, de transformar-nos, de “conferir-nos outra forma” (de *trans*, além, e *formar*, dar forma). A filosofia aristotélica pode simultaneamente dar uma nova forma a nós mesmos, ao mundo e ao nosso modo de olhá-lo. “Por muito tempo, a filosofia buscou transformar a vida dos indivíduos. O conhecimento não era, de fato, considerado um fim em si mesmo. Até mesmo a pura contemplação visava ao máximo de felicidade dentro do cenário de uma vida desejável”¹¹.

Neste sentido se pode dizer também que a filosofia de Aristóteles nos faz bem, porque nos ensina a “estar em forma” ou a “entrar em forma”, visto que uma vida feliz e realizada outra não é, para o Filósofo, senão justamente uma vida plenamente atuada, completamente executada, ou seja, uma vida “na sua forma” (*Metafisica IX*, 8, 1050a16).

Agradecimentos

“A vida é agora”, disse-me, “não daqui a pouco, não mês que vem, não daqui a um ano e muito menos antes ou depois”. Depois fez uma pausa, como para refletir ulteriormente sobre a questão e acrescentou: “É agora, é agora ou nunca, e nada, nem ninguém deve arrogar-se o direito de adiá-la”.

(Stefano Curreli, www.facebook.com/stefano.curreliofficial)

Antes de começar esta viagem, gostaria de agradecer rapidamente, mas calorosamente, a algumas pessoas.

Antes de tudo, ao amigo Luca Grecchi, por me ter envolvido neste belo projeto, ao qual aderi com entusiasmo, desde o primeiro momento em que me falou dele, em um maio pleno de sol, diante de um bom café.

Além disso, aos “companheiros de viagem” da Escola de Macerata, com os quais compartilhamos, mais do que nunca nestes últimos meses, alegrias e dores, sempre movidos pelo empenho mútuo para não desperdiçarmos os ensinamentos do nosso amado mestre.

E depois, como sempre, agradeço à minha filha Alessandra que, há 20 anos, perfuma de bem a minha vida, e à qual,

10. I. Carter, *Funzionamenti e capacità: una critica liberale alle teorie di Sen e Nussbaum*, p. 51.

11. R. Bodei, *Una scintilla di fuoco*. Invito alla filosofia, p. 24.

além de cada singular palavra deste livro, é dirigido todo o meu pensamento, a fim de que ressoe sempre dentro dela a máxima latina *per aspera ad astra*.

Por último, quero agradecer a Paulo, que soube presentear-me com um verão de uma beleza intacta e intangível, e mil janelas de onde pude voltar a assistir, surpreendida e agradecida, àqueles sobre-humanos entardeceres nas Montanhas Azuis que, no período de escritura deste texto, delicadamente modelaram a minha alma:

*E o dia chegará
Vestido de poesia
Falar-lhe-á de sonhos
Que não recordava mais.
(PFM, *Dolcissima Maria*)*

San Ginesio, agosto 2024.

É preciso sempre cultivar a pergunta, o “espanto” e o desejo de conhecer

As grandes perguntas devem ser paridas das vísceras da própria experiência. As grandes perguntas são aquelas que alguém descobre como as “próprias” perguntas.
(Costantino Esposito, *Il nichilismo del nostro tempo*)

A *Metafísica* de Aristóteles, obra entre as mais difíceis (e belas) produzidas pelo gênio humano, inicia com uma afirmação ao mesmo tempo problemática e potente: “Todos os seres humanos, por natureza, desejam conhecer” (*Metafísica*¹² I, 1, 980a1).¹³

12. [N. T.: Seguiremos a tradução italiana da prof. Arianna Fermani, mas sempre cotejando com a tradução brasileira do prof. Marcelo Perine, que, por sua vez, segue a tradução de Reale. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. e trad. para o italiano de Giovanni Reale, trad. para o português por Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. v. II.].

13. A tradução da *Metafísica* é de G. Reale (com modificações).

Em suma, de acordo com o Filósofo há um desejo universal de saber, o que caracteriza *todos os seres humanos*¹⁴, sem exceção. Esta sede de conhecimento — que, aliás, encontra uma prova evidente no “amor pelas sensações” (*Metafísica* I, 1, 980a2) — está, portanto, inscrita na nossa “natureza”, ou seja, nas “tramas do humano”.

Se, por um lado, a afirmação segundo a qual “todos” desejam conhecer parece delinear uma atitude “democrática” da parte de Aristóteles e uma abertura indiscriminada à possibilidade de satisfazer este desejo, por outro lado — eis a sua problematicidade —, é mister destacar como esta constitutiva “fome de saber” que reside no ser humano, 1) de um lado, *não* implica que todos — no horizonte grego exatamente como no nosso — tenham a possibilidade ou a capacidade, por razões sociais, políticas, econômicas ou intelectivas, de se dedicarem à atividade de estudo (que, como recorda realisticamente o Filósofo, é dada a pouquíssimos), e, 2) de outro, implica também uma consciência fundamental da qual muitos, como já se lê no *Banquete* de Platão, estão excluídos, ou seja, a consciência da própria ignorância:

DIOTIMA: [...] nem sequer os ignorantes filosofam, nem desejam se tornar sapientes [...].

SÓCRATES: Quem são, então, Diotima, aqueles que filosofam, se não são os sapientes, nem mesmo os ignorantes?

14 Visto que *ánthrōpos*, singular de *ánthrōpoi*, indica o ser humano em geral, ou seja, o ser humano no seu conjunto, composto pelo macho, ou seja, pelo *anér*, e pela fêmea, *gyné*.

DIOTIMA: Agora está claro [...] que são aqueles que estão no meio entre uns e outros (Platão, *O Banquete* 204a1-204b5).

Neste buscar sem descanso, neste desejo de saber que outra coisa não é senão um descobrimento de nós mesmos destinado a jamais se concluir totalmente, existe sempre um “problema” que nos desafia, uma questão que nos interpela incessantemente, e que o faz “em primeira pessoa”. Mas um problema deve ser deixado existir pelo que ele exprime no seu significado originário — visto que, literalmente, o termo grego *problema* indica “aquilo que é jogado à nossa frente”¹⁵ —, na consciência de que, quando vem resolvido, não é mais um problema filosófico: “A tarefa da filosofia é fazer boas perguntas, fazendo de conta que existam boas respostas”, escreve o filósofo Daniel Dennett.

Isso vale para os problemas em geral e para os problemas deixados em aberto pelo próprio Aristóteles, já que é preciso herdar deste Filósofo não apenas as doutrinas e axiomas, mas também as dúvidas, e “reconhecer que a persistência dos problemas não indica fracasso ou paralisia, mas sim a gravidade das perguntas fundamentais e a seriedade requerida para enfrentá-las”¹⁶.

Ao filósofo que deliberadamente se encarna na figura de Eros, ou seja, daquele que está sempre à procura, que está sempre em movimento, não interessam tanto as soluções

15. Sobre esta noção retornaremos mais adiante, nas p. 71 ss.

16. C. Baracchi, *Aristotele. Il pensiero e l'animale*, p. 13.

quanto antes as perguntas; em outras palavras, ao filósofo interessam sim as soluções, mas na medida em que estas são alcançadas como uma parada intermediária de um itinerário potencialmente infinito, posto que as verdadeiras respostas nunca têm fim. A quem faz filosofia interessam os nós, aquilo que os gregos chamavam *aporias*, termo que significa literalmente: “estrada sem saída”.

Quem ignora um problema, com efeito, não pode nem mesmo buscar resolvê-lo: não se pode desatar um nó se não se tem consciência de sua existência, como se lê numa magnífica passagem da *Metafísica*:

Para quem quer resolver um problema é útil compreender adequadamente as dificuldades que ele comporta. A solução final, de fato, é a resolução das dificuldades precedentemente estabelecidas. Não é possível que desate um nó aquele que o ignora; e as dificuldades que o pensamento encontra manifestam as dificuldades que existem nas coisas. Com efeito, enquanto se duvida, nós nos encontramos em condições semelhantes a quem está amarrado; num e noutro caso, de fato, é impossível ir além. Por isso é preciso que, primeiro, sejam examinadas todas as dificuldades, quer por estas razões, quer também porque aqueles que buscam sem ter antes examinado as dificuldades assemelham-se àqueles que não sabem para onde devem ir (*Metafísica* III, 1, 995a27-36).

Ademais, a “fome inexaurível de sentido” que representa, ao mesmo tempo, a origem e a finalidade de uma pesquisa filosófica como aquela de Aristóteles, que se configura literalmente como um convite a “se formular problemas” e a “cultivar a pergunta”, enraiza-se em um desejo experimentado em primeira pessoa, em um questionamento incessante que se torna carne e sangue:

A filosofia não requer [...] somente um longo tirocinio, mas também – e sobretudo – uma busca pessoal. A educação prepara o terreno, para que depois cada um possa seguir o seu próprio caminho, continuar a pensar por conta própria, reagir aos problemas e enfrentá-los sem a ajuda de um mestre, para depois eventualmente buscar confrontar-se novamente com os outros¹⁷.

Além disso, dizer que a filosofia se apoia no desejo, ou seja, numa dimensão que, diferentemente da necessidade, não se exaure nunca, visto que não encontra na dinâmica da satisfação o próprio termo, significa também transferir a filosofia da esfera do útil e do necessário para aquela do nobre e do belo. Recordamos explicitamente Aristóteles, na *Metafísica*: “Todas as outras ciências serão mais necessárias do que esta, mas nenhuma lhe será superior” (*Metafísica* I, 2, 983a11).

Tal afirmação – à primeira vista bastante confusa –, que reafirma o sentido profundo da formação filosófica requer,

17. R. Bodei, *Una scintilla di fuoco*. Invito alla filosofia, p. 4-5.

porém, mais uma precisão. Em primeiro lugar é mister esclarecer o sentido do adjetivo “necessário”.

Já Platão¹⁸ tinha definido “necessários” aqueles desejos que não podem ser eliminados sem eliminar, ao mesmo tempo, a espécie humana. Analogamente, Aristóteles, na *Metafísica*, define “necessário”: “Aquilo sem cujo concurso não é possível viver: a respiração e o alimento, por exemplo, são necessários ao animal, porque este não pode existir sem aqueles” (*Metafísica* V, 5, 1015a20-22).

“Necessário”, portanto, pode indicar aquilo que não pode ser retirado, aquilo de que não se pode prescindir e que em certo sentido vincula, amarra. Não sou livre, por exemplo, para não comer, se quiser me manter vivo.

A filosofia e a formação filosóficas não são, portanto, certamente “necessárias” no sentido de que sem elas a vida seria perdida. A filosofia não se configura como uma necessidade necessária à sobrevivência do indivíduo e da espécie, como, por exemplo, o beber, o comer e a atividade sexual.

Além disso, não se pode nem mesmo dizer que uma formação como aquela filosófica seja “útil” no sentido de que produza algo além de si mesma: as disciplinas que Aristóteles chama teóricas (que incluem a filosofia primeira ou metafísica, a física e a matemática), por estatuto encontram no conhecimento o próprio termo e o próprio propósito. Daqui a sua superioridade, para Aristóteles, em relação às ciências

18. “Não é talvez justo chamar de necessários aqueles desejos que não podem ser removidos e, ademais, aqueles cuja satisfação comporta a nós uma vantagem?” (Platão, *República* VIII, 558e1-3).

práticas ou àquelas produtivas, voltadas respectivamente à realização de uma ação ou à produção de um objeto¹⁹.

Neste sentido a filosofia, mesmo não tendo outro propósito senão o conhecimento, não é submissa a nenhum outro saber, justamente porque é fim em si mesma. Dizer, porém, que a filosofia *não é serva* de nenhuma outra disciplina não significa absolutamente que ela *não sirva* para nada. É preciso, portanto, prestar atenção e desambiguar o sentido do adjetivo “útil”, desfazendo um arraigado “preconceito” que

diz respeito à “utilidade” da filosofia. Pode-se com consciência tranquila afirmar que a filosofia não serve para nada, que não é um meio para fins simplesmente úteis. Mas é necessário acrescentar também que há outras coisas – como a saúde ou a música de Mozart – que não “servem” para nada. Nesta perspectiva, a filosofia, que parece um luxo, é, ao contrário, o bem mais necessário. É semelhante à vista, que não produz nada, mas nos permite agir e nos orientar no mundo [...]. É preciso, além disso, perguntar-se: útil para quê? Um telescópio é útil se quero ver melhor as crateras da lua, mas não se, por meio dele, proponho-me a curar uma gripe. Neste aspecto, se nos entendermos sobre o sentido das palavras, também a filosofia é “útil”, não porque traga van-

19. Para um aprofundamento da questão remetemos a M. Migliori; A. Fermani, *Filosofia antica*. Una prospettiva multifocale, p. 223 ss.

tagens imediatas e tangíveis, mas porque amplia os horizontes mentais e morais dos indivíduos, transformando-os²⁰.

A filosofia, portanto – e de modo mais geral um percurso de formação autenticamente livre –, de certo ponto de vista é utilíssima e por nada desinteressada. A filosofia para os antigos não é absolutamente um luxo praticado por preguiçosos ociosos, mas *serve muitíssimo*, visto que serve ao propósito mais alto e mais importante da existência, que é aquele de viver bem e ser feliz.

Mas uma educação verdadeira e livre, em grau de desenvolver a formação do pensamento crítico, na esfera individual e coletiva (como recorda Aristóteles em *Política* III, 12, 1283a23-26: “no que diz respeito a uma boa existência da cidade, a educação e a virtude têm, razoavelmente, as maiores pretensões”), tem também a fundamental tarefa de contrastar, obstinadamente, todos os mecanismos que afirmam que o real é simples, que as escolhas são fáceis, que os processos são inevitáveis.

Uma formação autêntica deveria visar, por conseguinte e a todo custo, livrar-se das dinâmicas utilitaristas, da subserviência míope ao imediato. Aristóteles mesmo tinha expressado este conceito, com absoluta clareza, em uma passagem extraordinária da *Política*, na qual se lê:

20. R. Bodei, *Una scintilla di fuoco*. Invito alla filosofia, p. 19.

Ao escolher estas coisas é preciso seguir as mesmas preferências que valem para as partes da alma e para as suas atividades, isto é, a guerra em vista da paz, o trabalho em vista do tempo livre, as coisas necessárias e úteis em vista daquelas belas. O político deve legislar tendo presentes todas estas coisas, segundo a ordem das partes da alma e das suas atividades, com os olhos voltados às melhores coisas e aos fins. Isso vale também para os tipos de vida e na escolha da ação: se deve poder trabalhar e fazer guerra, mas mais ainda se deve gozar da paz e do tempo livre, fazer as coisas necessárias e úteis, mas mais ainda fazer as coisas belas. Por isso, com este propósito devem ser educados aqueles que são ainda jovens e aqueles de outras idades que tenham necessidade de educação (*Política* VII, 14, 1333a33-1333b5).

Portanto, a educação filosófica segundo Aristóteles é, antes de tudo, uma educação “livre” e “libertadora”, e também uma educação desinteressada (e por isso, sim, em certo sentido, inútil). De outro ponto de vista, porém, ela se configura como uma educação não só para o “inútil”, mas também utilíssima à vida, capaz de tornar possível, para dizer com Platão, sempre e em cada indivíduo de modo diverso, o nascimento da própria vida:

A filosofia é capaz de dar à luz o espírito do filosofar socrático, filosofar que não por acaso Platão percebe como análogo à arte das parteiras, ou

seja, das pessoas capazes de conduzir a um *nascimento* (Teeteto 148e7-151d3). Sócrates, com efeito, não se comporta como quem quisesse impor aos outros um saber ou um método como norma erigida à instância suprema em toda situação, mas, como uma parteira, ele está totalmente concentrado na *individualidade* da pessoa que deve parir a verdade e na *singularidade* da situação na qual o parto terá lugar. A ética da sua prática filosófica é, portanto, exclusivamente *situacional*, ou seja, imaginativamente aberta às perguntas sempre *novas* das quais cada interlocutor poderá fazer-se portador²¹.

Eis por que ler Aristóteles, um pensador que há mais de 2.500 anos já nos recordava que “buscar em toda parte o útil é bem pouco adequado a quem tem um espírito grande e livre” (*Política*, VIII, 1338b2-4), serve muitíssimo, hoje mais do que nunca, em um mundo como o nosso, no qual é sempre mais imperativa uma educação esmagada pelas engrenagens da burocracia, constantemente propensa à lógica da emergência, subserviente à *ratio* da rápida comercialização no mundo do trabalho e devotada ao “culto das cifras e das medidas, [que] já contaminou todos os aspectos da educação e do ensino nas escolas e nas universidades”²².

21. S. Lavecchia, *Etica, situazione, estetica. I limiti della norma in Platone, Aristotele, Plotino*, p. 303-304.

22. N. Ordine, *Gli uomini non sono isole*. I classici ci aiutano a vivere, p. 92.

Hoje, de fato, como recordou Nuccio Ordine,

a atenção pela avaliação (que em si mesma deve ser considerada legítima e necessária) se transformou em uma obsessão burocrática por números, exclusivamente fundada sobre a “quantidade” [...]. A eficiência da instrução não se mede mais pelos “conhecimentos” a serem transferidos aos alunos, mas pelas “competências” que os alunos deverão adquirir em virtude da sua futura colocação no mercado de trabalho. Dito em outros termos: o objetivo agora não é aquele de formar cidadãos cultos em grau de compreender, criticamente, a si mesmos e o mundo que os circunda, mas de adestrar profissionais capazes de adaptar-se às exigências da produção global. Os resultados destas tendências, fruto de uma “pedagogia mercantil”, já começou a vir à tona. Na Itália, por exemplo, na última verificação INVALSI (Istituto Nacional para a Avaliação do Sistema de Instrução e de Formação), efetuada em maio de 2018, uma das perguntas (formulada, entre outras coisas, em um péssimo italiano!) do teste submetido aos estudantes da escola primária continha estas questões: “Pensando no seu futuro, quão verdadeiras você pensa que sejam estas frases? A. Alcançarei o nível de escolaridade que quero. B. Terei sempre bastante dinheiro para viver. C. Na vida conseguirei fazer o que desejo. D. Conseguirei comprar as coisas que quero. E. Encontrarei um bom

trabalho”. Perguntar a crianças com idades entre 7 e 10 anos, “Terei bastante dinheiro para viver” ou “Conseguirei comprar as coisas que quero” é um crime que infelizmente não suscita nenhuma indignação. Parece que o propósito principal da educação – em sintonia com as religiões do lucro que predominam hoje em todo o mundo – deva ser aquele de formar futuros consumidores interessados somente numa instrução funcional que atenda às exigências da produção mundial para garantir um acesso a uma profissão em grau de assegurar altos lucros. Lentamente escolas e universidades produzirão exércitos de potenciais “empreendedores” e “compradores” de fazer empalidecer o homem de negócios, “proprietário” de estrelas, encontrado pelo pequeno príncipe nas suas peregrinações cósmicas²³.

Está assim dramaticamente evidente a total inversão da lógica “meios-fins” e a trágica perda do sentido fundamental da existência, cujo objetivo final e primeiro (por importância) – já Aristóteles o havia posto em foco – é e deve permanecer sendo a felicidade (ou, como a chamavam os gregos, a *eudaimonia*):

Sobre a incompreensão da diferença entre *eudaimonia* e sucesso comercial, ou ainda sobre a inversão da sua relação, está baseada a histori-

23. N. Ordine, *Gli uomini non sono isole*. I classici ci aiutano a vivere, p. 95-96.

nha daquele pai que, ao filho que lhe dizia que só poderia ser feliz casando-se com a pobre Berta, responde: “Ser feliz? E para que isso lhe serve?”²⁴.

Ter uma formação ou uma “postura filosófica” em sentido lato deveria nos ajudar a viver com felicidade ou, ao menos, a discernir o verdadeiro bem, a julgar de modo correto²⁵ e a seguir os caminhos justos.

Num contexto como o atual, que exige respostas imediatas e *on demand*, soluções pré-embaladas e prontas para o uso, aplicações concretas, “produtos” cognitivos quantificáveis e precisamente mensuráveis, o saber lento, distendido e invisível da filosofia parece apresentar uma tendência mais do que nunca anacrônica e inatual. Num mundo do *prêt-à-porter* intelectual, a “costura sob medida” do pensamento filosófico tem fatalmente algo de *démodé*.

Mas, ao contrário, para compreender quanto seja atual e urgente retornar a Aristóteles, também neste terreno específico, bastaria recordar o convite de Steve Jobs para “continuarmos a ficar famintos e loucos”: “stay hungry, stay foolish”. O célebre convite que Steve Jobs fez na conclusão do discurso que pronunciou diante dos laureados de Stanford, de fato, não significa simplesmente – como comumente se traduz – “continuem com fome, continuem loucos”, mas, precisamente, “permaneçam sempre” nesta condição, persistam em uma condição de fome e de loucura. O inglês *to stay* sig-

24. R. Spaemann, *Felicità e benevolenza*, p. 33.

25. Para um aprofundamento da questão me permito remeter ao meu ensaio: *Aristotele. Il giudizio etico. Imparare a distinguere il bene e il male per vivere felici*, 2023.